

Percepções de uma Unidade Básica de Saúde sobre Saúde Planetária

Environmental Health Perceptions from a Basic Health Unit

Percepciones de una Unidad Básica de Salud sobre la Salud Planetaria

Felipe Oliveira¹ , Carolina Reigada¹ 

¹Secretaria de Saúde do Distrito Federal – Brasília (DF), Brasil.

Resumo

Introdução: A Saúde Planetária é um campo de pesquisa que avalia a interdependência entre os ecossistemas e a saúde da civilização humana, ainda pouco difundido na área de saúde, mesmo entre os currículos dos programas de residência. **Objetivo:** Este trabalho objetivou avaliar conhecimento e percepções sobre o tema da saúde planetária entre profissionais de saúde da Unidade Básica de Saúde (UBS) 01 da Candangolândia, Distrito Federal, Brasil. **Métodos:** Optou-se por metodologia qualitativa, com aplicação de entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo por Bardin e também por meio do *software* N-VIVO. Este artigo baseou-se em um trabalho para conclusão de residência em Medicina de Família e Comunidade. **Resultados:** Ao longo da pesquisa, pôde-se perceber que há desconhecimento sobre o tema da saúde planetária entre as profissionais entrevistadas. Há também uma perspectiva de distanciamento do ambiente natural e, em certo ponto, uma visão utilitarista da natureza. Além disso, foi observada desconexão entre teoria e prática já que as entrevistadas reconhecem, na teoria, que os impactos sobre os sistemas naturais também acarretam consequências sobre a saúde humana, mas nenhuma delas demonstrou considerar tais repercussões em seu fluxo de trabalho cotidiano. As participantes perceberam que podem atuar na comunidade no tocante ao tema da saúde planetária, sobretudo por meio da educação. **Conclusões:** A frequência cada vez maior de doenças relacionadas ao meio ambiente reforça a urgência de os profissionais de saúde, usuários e gestores incorporarem o tema em suas práticas.

Palavras-chave: Saúde ambiental; Atenção primária à saúde; Sistema Único de Saúde; Fluxo de trabalho.

Autor correspondente:

Felipe Oliveira Machado

E-mail: om.felipe95@gmail.com

Fonte de financiamento:

financiamento próprio.

Parecer CEP:

aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Superior de Ciências e Saúde em 15 de abril de 2022, com protocolo de número CAAE: 54086421.0.0000.5553.

Procedência:

não encomendado.

Avaliação por pares:

externa.

Recebido em: 11/07/2023.

Aprovado em: 07/09/2023.

Editores convidados:

Maria Inez Padula Anderson e

Marcello Dala Bernardina Dalla.

Como citar: Machado FO, Reigada CLL: Percepções de uma Unidade Básica de Saúde sobre Saúde Planetária. Rev Bras Med Fam Comunidade. 2023;18(45):3842. [https://doi.org/10.5712/rbmfc18\(45\)3842](https://doi.org/10.5712/rbmfc18(45)3842)



Abstract

Introduction: Environmental Health is a field of research that evaluates the interdependence between ecosystems and the health of human civilization, but its knowledge is not widespread amongst health professionals, including among the curricula of residency programs. **Objective:** This paper aimed to assess knowledge and perceptions about the theme “Environmental Health” among health professionals at Basic Health Unit (*Unidade Básica de Saúde – UBS*) 01 in Candangolandia, Distrito Federal, Brazil. **Methods:** A qualitative approach was chosen, through application of semi-structured interviews and content analysis using both Bardin’s methodology and N-VIVO software. This article was based on a residency conclusion paper from a Family Medicine training program. **Results:** Throughout the research, it was observed that there is a lack of knowledge about the topic Planetary Health among the professionals interviewed. There is also a perspective of detachment from the natural environment and, to a certain extent, a utilitarian view of nature. In addition, a disconnection between theory and practice was observed as the interviewees recognize, in theory, that impacts on natural systems also have consequences on human health, but none of them consider such repercussions in their daily workflow. The participants realized that they could work in the community, with regard to environmental health, especially through education. **Conclusions:** Thus, the increasing advent of diseases related to the environment reinforces the urgency of health professionals, users and health care managers to incorporate the theme of planetary health into their practices.

Keywords: Environmental health; Primary health care; Unified Health System; Workflow.

Resumen

Introducción: La Salud Planetaria es un campo de investigación que evalúa la interdependencia entre los ecosistemas y la salud de la civilización humana, pero aún no está muy difundido en el ámbito de la salud, incluso entre los currículos de los programas de residencia. **Objetivo:** Este estudio tuvo como objetivo evaluar los conocimientos y percepciones sobre el tema “Salud Planetaria” entre los profesionales de la salud de la UBS 01 de Candangolandia, Distrito Federal, Brasil. **Métodos:** Se optó por una metodología cualitativa, mediante la aplicación de entrevistas semiestructuradas y análisis de contenido por Bardin y también mediante el *software* N-VIVO. Este artículo se basó en un trabajo de conclusión de residencia en medicina familiar y comunitaria. **Resultados:** A lo largo de la investigación, se evidenció que existe un desconocimiento sobre el tema Salud Planetaria entre los profesionales entrevistados. También hay una perspectiva de distanciamiento del entorno natural y, en cierta medida, una visión utilitaria de la naturaleza. Además, se observó una desconexión entre teoría y práctica ya que los entrevistados reconocieron, en teoría, que los impactos sobre los sistemas naturales también tienen consecuencias sobre la salud humana, pero ninguno demostró considerar tales repercusiones en su flujo de trabajo diario. Los participantes se dieron cuenta de que pueden actuar en la comunidad, en relación con el tema de la salud planetaria, especialmente a través de la educación. **Conclusiones:** La creciente frecuencia de enfermedades relacionadas con el medio ambiente refuerza la urgencia de los profesionales, usuarios y gestores de la salud de incorporar el tema de la salud planetaria en sus prácticas.

Palabras clave: Salud ambiental; Atención Primaria de salud; Sistema único de Salud; Flujo de trabajo.

INTRODUÇÃO

Estuda-se a forma como a interferência sobre os sistemas naturais afeta a própria saúde humana, colocando em risco a sobrevivência de diversas espécies sobre a Terra. A essa linha de pesquisas, denomina-se Saúde Planetária, campo de estudos que também avalia a interdependência entre os ecossistemas e a saúde da civilização humana, seus impactos e consequências.^{1,2}

Segundo um levantamento publicado em 2018, somente a poluição acarreta, aproximadamente, o triplo de mortes em comparação com AIDS, tuberculose e malária somadas no mundo.¹ As mudanças climáticas são apontadas como a maior ameaça à saúde humana, sendo responsáveis por milhões de anos de vida perdidos ajustados por incapacidade (DALYs).^{1,3} Esse fenômeno está relacionado a diversas queixas de saúde cotidianas como câibras, desidratação e alterações da pressão arterial, podendo ser responsável por quadros graves como hipertermia ou, ainda, estar relacionado a ondas de calor e desastres climáticos.^{3,4}

Apesar da relevância do assunto para a saúde global e individual, somente durante minha formação como residente de Medicina de Família e Comunidade (MFC) tive contato pela primeira vez com o tema da saúde planetária. O assunto despertou-me interesse dada a sua importância e também por me parecer

ser pouco conhecido ou pouco valorizado pela comunidade médica, não obstante a Organização Mundial de Médicos de Família (World Organization of Family Doctors — WONCA) reconhecer a importância da saúde planetária e estimular seu estudo e divulgação desde 2017.⁵

Nessa mesma perspectiva, pude perceber que o assunto não parecia ser levado em conta nos fluxos de trabalho na minha Unidade Básica de Saúde (UBS), tampouco transmitido à população. Durante a residência, estava lotado por dois anos em uma UBS no bairro de classe média da Candangolândia em Brasília, Distrito Federal. A Candangolândia está inserida em um corredor ecológico, chamado corredor verde, e possui importância estratégica na preservação e recuperação das águas do Lago Paranoá.⁶ A UBS conta com cinco equipes, tem população estimada em 16.489⁷ pessoas e desenvolve trabalhos de educação em saúde com regularidade, porém o tema da saúde planetária não é abordado nem entre profissionais nem com a população.

O desconhecimento desse assunto, naturalmente, pode impedir que os profissionais de saúde atuem de forma ampla e eficaz, por meio de ações individuais ou comunitárias, considerando os impactos do meio ambiente na saúde.⁸ Aqueles que atuam na Atenção Primária à Saúde (APS) têm especial responsabilidade na promoção da saúde e educação da sua população adscrita a respeito dessa questão. Esses profissionais possuem importante proximidade do cotidiano da população, tendo grande potencial de interferir em questões locais, com impacto em toda a comunidade.⁵

Ressalta-se que minimizar o prejuízo ambiental é uma forma de zelar pela equidade em saúde, já que as populações mais vulneráveis e que menos contribuem para o adoecimento do planeta são as mais prejudicadas por suas consequências. Assim, reconhecer tal processo é também atuar sobre os determinantes sociais de saúde.¹

Em vista disso, neste trabalho procuramos entender as concepções acerca do tema da saúde planetária entre profissionais de saúde de uma UBS.

MÉTODOS

Optou-se por realizar um estudo transversal com metodologia qualitativa, por ser adequada para a investigação das relações, representações, opiniões e percepções humanas; além de investigar causas subjacentes e analisar dados difíceis de aferir.^{9,10}

Antes de construir o roteiro da entrevista, procedeu-se à revisão da literatura sobre saúde planetária. Com base nessa revisão, optou-se por um roteiro semiestruturado, que possibilitava ao entrevistado falar mais livremente sobre o tema proposto.¹¹

O roteiro consistiu em seis perguntas abertas que visavam cobrir alguns temas, como conhecimento sobre o conceito de saúde planetária; concepções sobre a influência da degradação dos ecossistemas sobre a saúde humana; consideração do conhecimento acerca da saúde planetária no processo de trabalho individual e da UBS.

Após a construção do roteiro, que foi testado com entrevistas piloto, foram realizadas entrevistas mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com posterior análise dos dados pautada pela análise temática e de conteúdo de Bardin. Os dados serão retidos com o pesquisador por cinco anos e depois apagados. Foram compartilhados trechos das entrevistas para exemplificar os temas obtidos sempre de forma anônima e somente com o intuito de divulgar os resultados da pesquisa realizada, de acordo com o explicitado no TCLE.

As participantes entrevistadas foram selecionadas entre trabalhadores de saúde com nível superior ou técnico da UBS 01 da Candangolândia, que estivessem há pelo menos seis meses trabalhando nessa UBS e compondo diretamente alguma equipe de Estratégia Saúde da Família (ESF). Excluíram-se os candidatos que alegaram constrangimento ou estresse com as entrevistas ou que negaram o seu registro e armazenamento. O tamanho da amostra foi definido pelo critério de saturação, que foi discutido entre os pesquisadores. A amostragem foi selecionada por conveniência, mas buscou-se selecionar participantes de diversas categorias profissionais e ao menos um representante de cada equipe de ESF para que a amostra fosse representativa da realidade da UBS.

As entrevistas foram feitas individualmente, pessoalmente, de forma privada, na UBS, sendo gravadas em áudio e posteriormente transcritas, com duração aproximada de 15 minutos cada. Foram conduzidas por um pesquisador residente de MFC em conjunto com sua preceptora, médica de família e comunidade. As participantes eram colegas de trabalho e já eram conhecidas previamente.

Foi feita uma leitura atenta e crítica das falas das entrevistadas com o objetivo de delinear as em temas e subtemas para a análise de conteúdo por meio da metodologia de Bardin — pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados: inferência e interpretação.^{12,13} Tais temas foram correlacionados com a literatura científica quando apropriado.

O conteúdo das transcrições foi também submetido ao *software* N-VIVO,¹⁴ programa que realiza análises de estudos qualitativos. As respostas foram detalhadas em frequência e percentual ponderado das palavras mais proferidas. Como consequência, gerou-se uma nuvem de palavras com os 50 termos mais utilizados.

A pesquisa fez parte do trabalho de conclusão de residência de MFC da Escola Superior de Ciências da Saúde pertencente à Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde (ESCS/FEPECS). Foi previamente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Superior de Ciências da Saúde com protocolo de número de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética — CAAE: 54086421.0.0000.5553.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi de nove participantes, definida pelo critério de saturação. Não houve participantes que se recusassem ou desistissem de participar da pesquisa. Devemos ressaltar que todas as entrevistadas eram do sexo feminino, já que havia poucos trabalhadores do sexo masculino na UBS, e nenhum deles preenchia os critérios de inclusão à época das entrevistas. Foram entrevistadas duas médicas, duas técnicas de enfermagem, quatro enfermeiras e uma odontóloga. As idades variavam entre 30 e 43 anos e os dados foram coletados entre maio e julho de 2022.

Nossos principais achados foram: desconhecimento sobre saúde planetária, falsa percepção de distanciamento do ambiente natural associada a uma visão utilitarista da natureza, além de dissociação entre prática e teoria. Apesar disso, as entrevistadas reconheceram a potencialidade que a ESF tem de atuar na comunidade, mesmo no tema de saúde planetária.

(Des)conhecimento sobre Saúde Planetária

Por meio da representação em nuvem de vocábulos formada pela frequência de palavras mais utilizadas, disponível abaixo (Figura 1), foi possível perceber que o termo mais repetido foi “não”.

A falta de entendimento de saúde planetária pode estar associada com a ausência desse assunto em currículos acadêmicos. Sob essa perspectiva, entre 2019 e 2020 foram realizadas entrevistas com estudantes de 2.817 faculdades de Medicina filiadas à Federação Internacional de Associações de Estudantes de Medicina (IFMSA) em 112 países.¹⁵ Entre as faculdades avaliadas, 15% incorporaram mudanças climáticas em seus currículos. Com relação à poluição atmosférica e saúde, apenas 11% têm educação formal nesse tópico.

Dessa forma, é importante reconhecer tais omissões do currículo médico. A fim de transformar essa realidade é melhor preparar os futuros médicos para os desafios que enfrentarão em sua profissão no tocante à saúde planetária.¹⁵

Os dados sobre conhecimento de saúde planetária são bastante escassos. Uma pesquisa realizada com 1.609 participantes nos Estados Unidos¹⁶ buscou avaliar o conhecimento e a prática médica em detectar e tratar doenças induzidas pelo ambiente, entendendo como ambiente não somente o meio ambiente natural, mas também questões ocupacionais e de estilo de vida.

Neste estudo, percebeu-se que os médicos que levam em conta o ambiente externo em sua prática clínica são mais bem informados sobre entrevista clínica, visão integral do paciente e habilidades diagnósticas do que aqueles que consideram as informações sobre riscos à saúde ambiental como irrelevantes. A proteção dos ecossistemas foi considerada como forma fundamental de prevenção primária de agravos em saúde e forma de atuação sobre determinantes sociais.¹⁶ Tais competências são centrais ao médico de família e comunidade, reforçando a importância do tema entre médicos de família e comunidade.

Uma dissertação de mestrado publicada recentemente avaliou a inclusão da saúde planetária em currículos e observou que existe uma lacuna desse conhecimento. Como proposta de intervenção, foram elaborados dois volumes de material didático, que incluem roteiros de aulas para graduação na área da saúde e casos clínicos para discussão em atividades educativas, sendo recomendada a leitura.^{17,18}

Distanciamento do ambiente natural e visão utilitarista da natureza

Ao explorar os impactos observados da saúde do planeta no cotidiano da população adscrita, puderam-se observar dois padrões de resposta. O primeiro destacou impactos diretamente relacionados ao aspecto biomédico, como moléstias infectocontagiosas, arboviroses e pneumopatias. O segundo baseou-se em afirmativas que pareceram ter sido emitidas por serem “politicamente corretas”, mas repetidas como um discurso superficial, uma vez que distantes da práxis cotidiana, ressaltando jargões vagos.

Outro ponto observado foi que algumas participantes foram buscar acontecimentos distantes de seu local de trabalho e residência como “em São Paulo”, “no Nordeste”:

“Em São Paulo, vai ter mais agravos de saúde, doenças respiratórias.” (ENTREVISTA F)

“A gente teve casos no Nordeste com enchentes, muitas pessoas adoecidas. Então há uma associação. Mas na população que eu atendo até que não (vejo impactos).” (ENTREVISTA G)

“É preciso preservar as águas para que não haja falta e as florestas não sejam desmatadas.” (ENTREVISTA D)

Tais falas parecem retratar que essas participantes não enxergam impactos cotidianos da saúde planetária. Há uma ideia genérica de “preservar as águas” ou não “desmatar florestas”, mas de forma ainda abstrata, sem uma ideia clara de como seria feito e nenhuma preocupação diária nesse sentido.

Além disso, moradores de Brasília vivenciam agravos à saúde relacionados às condições ambientais de forma cíclica. Com um período marcado de seca associado a queimadas e ondas de calor, anualmente é notório o aumento de sintomas respiratórios, cefaleias, desidratação, câibras e outros.

Nenhuma das entrevistadas sequer lembrou desse aspecto, reforçando a naturalização que é feita dos impactos à saúde decorrentes de desequilíbrios ambientais. Em anos recentes, Brasília tem passado por picos de calor cada vez maiores, o que também não foi mencionado.¹⁹

Ainda sob essa perspectiva de afastamento, a cidade foi vista como meio de proteção em relação à natureza. O viver urbano afastaria o homem da natureza, descolando-o do ambiente natural enquanto a “civilização” supostamente o protegeria de problemas de saúde:

*“Como a gente atende uma área urbana, civilizada, é difícil a gente ver esses problemas.”
(ENTREVISTA D)*

Tal perspectiva gera uma visão utilitarista dos sistemas naturais, que também foi constatada nas entrevistas:

“A influência está mais ligada ao homem. Continuando cultivando nossas águas, nossos rios, o retorno vai vir.” (ENTREVISTA A)

Nas entrevistas, o conhecimento sobre saúde planetária perpassou pela ideia de conscientização ambiental, que engloba a predisposição a reagir sobre temáticas ambientais de determinada maneira conforme o sistema de crenças e valores de um indivíduo.²⁰ Para Gagnon et al.,²¹ há dois principais motivos para considerar os sistemas naturais: a perspectiva “ecocêntrica”, em que a natureza é valorizada por seu valor intrínseco; e a perspectiva “antropocêntrica”, que preza os sistemas naturais desde que estes melhorem a qualidade de vida humana. Durante a pesquisa, o que predominou nas falas das participantes foi uma perspectiva antropocêntrica e utilitarista.

Nesse contexto, o antropocentrismo convida o homem a dominar e a apropriar-se da natureza, que deve servir como objeto de consumo.²² A visão utilitarista da natureza remonta à influência da Filosofia Clássica na cosmovisão ocidental: para Aristóteles, em *A Política*, o homem é um animal superior aos outros animais e a natureza estaria a serviço dos homens.²³ Ao longo da História, a natureza passou a ser vista como algo que deve ser usado e não preservado.²³ Depreende-se que, historicamente, a concepção predominante no mundo ocidental é de dominação e desrespeito sobre o meio ambiente.

Dissociação prático-teórica

Outro resultado observado foi uma dissociação entre teoria e prática: apesar de todas as entrevistadas reconhecerem, na teoria, que os impactos sobre os sistemas naturais também acarretam consequências para a saúde humana, nenhuma delas demonstrou considerar tais repercussões em seu fluxo de trabalho:

“Não penso muito nesse cuidado de levar para a população.” (ENTREVISTA F)

Alguns participantes mencionaram ações reativas e pouco focadas na prevenção de agravos. Percebe-se um enfoque reacionário, pautado em combater situações pontuais que porventura desorganizem o trabalho, como a pandemia da COVID-19 e epidemias de dengue e que, portanto, trazem uma preocupação específica. A clínica diária não considera um exercício baseado na saúde planetária:

“A gente geralmente atende a doença em si, mas não aborda aquilo que causa a doença.” (ENTREVISTA C)

“O máximo que a gente ainda consegue fazer é [falar de] a dengue, que é pelo descarte de lixo e pela água parada” (ENTREVISTA D)

A discrepância entre posicionamento teórico e comportamento pode estar relacionada com a Teoria do Comportamento Planejado.²⁴ Nessa teoria, o comportamento é baseado na intenção do ser humano, que representa o quanto de esforço um indivíduo está disposto a fazer em prol de uma ação e, quanto menor a intenção, menor a probabilidade de o comportamento ocorrer.

Assim, as pessoas engajam-se menos em comportamentos favoráveis ao meio ambiente porque sentem que tal postura diminui sua percepção pessoal de conforto e, desse modo, procedem de maneira mais egocêntrica a fim de não precisar sacrificar “necessidades hedônicas”.²⁴

O uso de termos politicamente corretos observados nas respostas parece estar relacionado ao viés de desejo social, percebido quando um participante tende a ajustar suas respostas àquilo que considera socialmente desejável, ainda que isto difira de sua prática cotidiana ou seja uma versão equivocada da sua real atitude e comportamento.²⁵

As participantes perceberam que podem atuar na comunidade, sobretudo por meio da educação. Reconhece-se que há a necessidade de trazer a comunidade como uma aliada para um mesmo propósito:

“Você tem que chegar a sua comunidade para junto de você. Sozinho a gente não consegue. Somos uma equipe muito pequena.” (ENTREVISTA A)

“A gente pode educar a nossa população. Precisamos trabalhar não só quando estamos tendo disseminação de uma doença. Precisamos de educação continuada.” (ENTREVISTA C)

Apesar das ideias propostas acima, pôde-se também perceber que tais proposições são, em alguns momentos, entremeadas por pretensas justificativas para não serem aplicadas como “temos pouca gente” ou “não dá para fazer nada muito grande”.

Sob uma perspectiva global, enquanto UBS, percebeu-se que a APS possui grande potencialidade até mesmo de ações intersetoriais. Algumas ações sugeridas incluíram grupos comunitários, Programa Saúde na Escola, até projetos comunitários locais, como montagem de uma horta:

“É preciso a gente começar a trazer isso para nós para que depois a gente possa disseminar para a comunidade. Com uma horta, farmácia viva, plantar árvores.” (ENTREVISTA A)

“Os profissionais podem fazer palestras e teatros, que costumam fazer em escolas.” (ENTREVISTA I)

A educação ambiental na APS foi implementada em um núcleo urbano de Uberaba por meio de um levantamento de diagnóstico socioambiental, que culminou em reuniões, palestras e eventos culturais para enfrentar problemas como falta de água potável, carência de coleta seletiva lixo e propagação de doenças infectocontagiosas. Observou-se como legado o surgimento de ações comunitárias e a mobilização da própria Secretaria Municipal de Saúde para a melhoria das condições locais.²⁶

Assim, verifica-se que a educação é uma estratégia viável para a APS com importante impacto comunitário, entendendo meio ambiente e saúde como entes indissociáveis.

Os resultados e discussão apresentados apontam a necessidade de esse tema ser mais bem abordado, principalmente por meio da educação em saúde no tocante aos usuários, trabalhadores e gestores dos sistemas de saúde. Revela também a importância da elaboração de protocolos de manejo clínico diante do advento cada vez mais frequente de doenças relacionadas a mudanças climáticas. Urge que os programas de residência incorporem tais discussões em suas matrizes curriculares e em seus cenários de prática. Sem o efetivo reconhecimento das consequências que o desequilíbrio dos sistemas naturais traz à saúde do planeta, não se pode esperar efetiva mudança de comportamentos e hábitos.

Nossa pesquisa aborda um assunto vital para a sobrevivência humana, especialmente em se tratando de uma área em que as pesquisas qualitativas ainda são escassas, podendo contribuir para mudanças de atitude em relação ao tema ao levantar os questionamentos relacionados à necessidade de atuação local e conhecimento sobre o tema entre profissionais de saúde. Como limitações da pesquisa, cita-se que alguns profissionais não foram entrevistados como gestores e agentes comunitários. Ainda, este estudo retrata somente a realidade local de uma UBS, podendo não reproduzir a realidade de outros locais, que carece de mais pesquisas.

CONCLUSÃO

Vimos que as profissionais entrevistadas não tinham conhecimento sobre o tema, além de concepções superficiais sobre ecologia e meio ambiente, sem real visão das inter-relações entre os sistemas naturais e a saúde humana; logo, não têm ação prática sobre o assunto.

A falta desse assunto nos currículos parece ser um fator importante para tal desconhecimento. As profissionais sugeriram que uma maneira de agir seria por meio de educação em saúde e buscando envolver a comunidade. A educação continuada sobre esse tema entre as profissionais pode ser uma importante aliada para preencher tal lacuna de conhecimento.

Além disso, parece que as entrevistadas não reconhecem agravos à saúde perto de si, mas sempre distantes, apesar de alguns acontecerem em seu cotidiano. Um modo de pensamento ligado ao antropocentrismo e uma falsa separação entre ser humano e natureza parecem estar por trás desse pensamento. Tais fatores são entraves para que as mudanças sejam implementadas e um futuro mais equânime seja possível. Vale lembrar que não há muito tempo e que “não há planeta B”. Precisamos agir agora.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

FOM: Conceituação, Curadoria de Dados, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Validação, Visualização Escrita – Primeira Redação, Escrita – Revisão e Edição. CLLR: Conceituação, Curadoria de Dados, Análise Formal, Metodologia, Validação, Escrita – Revisão e Edição.

CONFLITO DE INTERESSE

Nada a declarar.

REFERÊNCIAS

- Landrigan PJ, Fuller R, Acosta NJR, Adeyi O, Arnold R, Basu N (Nil), et al. The Lancet Commission on pollution and health. *Lancet* 2018;391(10119):462-512. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(17\)32345-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(17)32345-0)
- Floss M, Barros EF, Fajardo AP, Bressel M, Hacon S, Nobre C, et al. Lancet Countdown. *Rev Bras Med Fam Comunidade* 2019;14(41):2286. [https://doi.org/10.5712/rbmfc14\(41\)2286](https://doi.org/10.5712/rbmfc14(41)2286)
- Kemple T. Planetary health and primary care: what's the emergency? *Br J Gen Pract* 2019;69(688):536-7. <https://doi.org/10.3399/bjgp19X706145>
- Floss M, Barros EF. Estresse por calor na Atenção Primária à Saúde: uma revisão clínica. *Rev Bras Med Fam Comunidade* 2020;15(42):1948. [https://doi.org/10.5712/rbmfc15\(42\)1948](https://doi.org/10.5712/rbmfc15(42)1948)
- Floss M, Barros EF. Saúde planetária: conclamação para a ação dos médicos de família de todo o mundo *Rev Bras Med Fam Comunidade* 2019;14(41):1992. [https://doi.org/10.5712/rbmfc14\(41\)1992](https://doi.org/10.5712/rbmfc14(41)1992)
- Administração Regional da Candangolândia. MAPA CANDANGOLÂNDIA [Internet]. 2016 [acessado em 02 maio 2022]. Disponível em: <https://www.candangolandia.df.gov.br/2016/07/14/mapa-candangolandia/>
- Secretaria de Fazenda, Planejamento, Orçamento e Gestão. Candangolândia [Internet]. 2019 [acessado em 05 maio 2022]. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Candangol%C3%A2ndia.pdf>
- Potter T. Planetary Health: Systems Perspectives and Impact of Climate and Environmental Change on Human and Global Health [Internet]. *Handbook of Global Health*. 2020 [acessado em 12 mar. 2022]. Disponível em: https://link.springer.com/referenceworkentry/10.1007/978-3-030-05325-3_131-1
- Powers of qualitative research [Internet]. *Nat Clim Change* 2021;11(9):717-7 [acessado em 18 set. 2023]. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41558-021-01153-z>
- Minayo MCS. O Desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/ABRASCO; 2008.
- Guerra, ELA. Manual de pesquisa qualitativa. Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação, 2014.
- Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2016.
- Dos Santos FM. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. Lisboa: Edições 70; 2012.
- NVivo [Internet]. Lumivero [acessado em 02 abr. 2022]. Disponível em: <https://www.qsrinternational.com/nvivo-qualitative-dataanalysis-software/home>
- Omrani OE, Dafallah A, Paniello Castillo B, Amaro BQRC, Taneja S, Amzil M, et al. Envisioning planetary health in every medical curriculum: An international medical student organization's perspective. *Med Teach* 2020;42(10):1107-1111. <https://doi.org/10.1080/0142159X.2020.1796949>
- Brown P, Kelley JK. Physicians' knowledge, attitudes, and practice regarding environmental health hazards. *Ind Environ Crisis Q* 1996;9(4):512-42. <https://doi.org/10.1177/10860266960090040>
- Zandavalli RB, org. Pessoa e Clínica sob as Lentes da Saúde Planetária: Roteiro para educação na graduação da área da saúde (Volume 1) [Internet]. Porto Alegre: Edição dos Autores; 2022 [acessado em 07 out. 2022]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/telessauders/saude-planetaria>
- Zandavalli RB, org. Pessoa e Clínica sob as Lentes da Saúde Planetária: Casos clínicos para atividades educativas (Volume 2) [Internet]. Porto Alegre: Edição dos Autores; 2022 [acessado em 07 out. 2022]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/telessauders/saude-planetaria>
- G1. DF tem novo recorde de calor; não chove há 128 dias em Brasília [Internet]. 2022 [acessado em 30 out. 2022]. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/09/12/df-tem-novo-recorde-de-calor-nao-chove-ha-128-dias-em-brasilia.ghtml>
- Culiberg B, Rojšek I. Understanding environmental consciousness: a multidimensional perspective [Internet]. 2008 [acessado em 10 set. 2022]. Disponível em: <https://hrcak.srce.hr/ojs/index.php/ekonomski-vjesnik/article/view/3661/2453>
- Gagnon Thompson SC, Barton MA. Ecocentric and anthropocentric attitudes toward the environment. *J Environ Psychol* 1994;14(2):149-57. [https://doi.org/10.1016/S0272-4944\(05\)80168-9](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(05)80168-9)
- Gerent J. A relação Homem-Natureza e suas Interfaces. *Cad Direito* 2011;11(n):23-46. <https://doi.org/10.15600/2238-1228/cd.v11n20p23-46>
- Silva CASB da, Silva LJA da. A difícil relação homem x natureza: o caminho da sustentabilidade para um desenvolvimento sustentável. *Educação Ambiental em Ação* [Internet]. 2012 [acessado em em 15 set. 2022]. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1187>
- Maar, BJP. "I know it is better for the environment but what about me?": Explaining the cognitive dissonance between attitude and environmental friendly behavior [dissertação de mestrado]. Enschede: University of Twente; 2019.
- Marija Ham, Dajana Mrčela, Horvat M. Insights for measuring environmental awareness. *Econviews Rev Contemp Bus Entrep Econ Issues* 2016;29(1):159-76.
- Pereira CAR, Melo JV de, Fernandes ALT. A educação ambiental como estratégia da Atenção Primária à Saúde. *Rev Bras Med Fam Comunidade* 2012;7(23):108-16. [https://doi.org/10.5712/rbmfc7\(23\)293](https://doi.org/10.5712/rbmfc7(23)293)